

O outro espaço relacional

- Pensar o Brasil exige uma definição epistemológica sobre no que ancorar esse pensamento. Um país é uma realidade que é pensada e interpretada para muito além do mundo acadêmico/científico e por formas tão diversas quanto o são as representações políticas, simbólicas, míticas, ideológicas etc.
- As ciências sociais atuais, como já dissemos, “fogem” do caminho de uma abordagem “totalizante” por motivos ligados à própria dinâmica disciplinarizante desse meio e, talvez, pela condição aparentemente indiscernível do objeto Brasil, com todas as representações distintas que o recobrem.
- Como sair deste impasse, afinal há demandas sociais e, mesmo científicas, para se oferecer uma interpretação consistente do Brasil? Essa necessidade está posta. Um caminho epistemológico é dirigir o pensamento para a dinâmica que forma (e formou) essa realidade completa e complexa, cujo termo comum é país. E esse caminho é pensar (descrever, refletir) na associação (na articulação coletiva) dos membros das populações. E isso tem um nome: é o SOCIAL.
- Outras figuras da totalidade (para se pensar o Brasil) são acessórias e só existem porque existe um social (nação, pátria, identidade nacional, civilização etc.). São produtos e dependentes do SOCIAL. Um outro movimento teórico necessário é qualificar qual a MODALIDADE DE SOCIAL que predomina no Brasil. Pode-se dizer que para essa modalidade o conceito de SOCIEDADE (moderna) é o que a melhor a apreende.
- Uma sociedade moderna (e o Brasil minimamente se ancora nisso) é necessariamente plural (por vezes radicalmente em termos de sua

composição social, do processo econômico, das formas morais, das posturas religiosas etc.) e esse tipo de associação desenvolveu diversos dispositivos institucionais (jurídicos, políticos, segurança etc.), para fazer funcionar uma convivialidade nesse meio plural. Para produzir os vínculos sociais. Em tese, é a política pode ser interpretada como algo que de diversas maneiras estabelece acordos e procura a legitimidade, inclusive, na distribuição das formas de poder.

- Mas, isso não basta: uma transformação de fundo no social (no modo de associação), fora da esfera institucional, veio acontecendo, ao mesmo tempo. Trata-se da construção do vínculo social pelo RECONHECIMENTO e não por IDENTIFICAÇÃO. Reconhecer significa admitir o outro, independente das diferenças e desenvolver vínculos a despeito disso, reconhecer direitos, construir solidariedades; identificar é associar-se por compartilhamento da mesma identidade (étnica, nacional, de gênero, econômica, cultural, política). Identificar é algo mais limitado: forma “comunidades” mais restritas demograficamente falando. Reconhecer é o caminho para associações de grande escala, que serão inevitavelmente plurais.
- Do ponto de vista social (da associação) uma sociedade moderna (o Brasil) tem como substância coesionadora o reconhecimento. Não que isso seja fácil e esteja realmente “dando certo”. E é constantemente é questionado, pois parece que parte do nosso social não está disposta a assumir os “custos” da associação por reconhecimento.
- Trata-se de uma aventura incorporadora/integradora de grande complexidade em busca de uma estabilidade social/política, que obviamente é de difícil realização e muito suscetível a crises. Trata-se de um processo de uma incrível complexidade e, no caso do Brasil, de baixa consensualidade (como já notado), cuja lógica não

é nada fácil de apreender diante da imensidão de variáveis que estão implicadas.

- O Brasil é uma realidade empírica bem distinta daquela das décadas de 1950/1960. A história acelerou-se, produzindo mudanças quantitativas de grande monta. De lá para cá a população foi multiplicada 3,5 vezes (1954, 61 milhões; 2020, 212 milhões). No interior dessa enorme movimentação demográfica deu-se uma mudança essencial com a massiva urbanização, cuja população que a constitui é de cerca de 85% da população do país (180 milhões de habitantes, vivendo especialmente em grandes cidades). Isso implica a instalação de outro modo de vida, o que não é pouca coisa. Em 1962 o eleitorado brasileiro somava cerca de 19 milhões de eleitores, em 2020 são 150 milhões de eleitores. Esse fenômeno não espelha apenas as mudanças demográficas quantitativas, mas transformações de conteúdo, pois todas as regiões brasileiras têm praticamente a totalidade da população adulta como votante, o que antes não era fato. Esse fenômeno está associado à inclusão do eleitorado feminino, dos analfabetos, ao fim dos isolamentos espaciais, à urbanização e a tudo que ela implica. E também ao fato de o voto ser obrigatório. Trata-se de um crescimento quantitativo exponencial por todo o território, garantindo, nesse aspecto, um recurso importante para o exercício da soberania popular. O contraste aqui não poderia ser maior, e esse efeito de massa, por si só, deveria impactar profundamente no sistema político do país e, por conseguinte, na vida política da sociedade. A expansão do sistema eleitoral se insere no processo de expansão e na interiorização da modernização política, social e econômica que, a princípio, jogam a favor de processos integrativos com o aumento das relações sociais no conjunto territorial nacional, o que aumentará os vínculos de dependência e a ampliação dos sentimentos, mesmo que difusos, de pertencimento. Ora, pelo

menos nesse plano mais material, é a sociedade se constituindo e se complexizando, e esse processo de totalização só pode ser forjado por uma organização social desse tipo.

- Porém, de fato tudo isso produziu uma “sociedade de elos frouxos” (Renato Janine Ribeiro). Esse é o argumento que se avança aqui. O Brasil é uma arquitetura social onde o *ser sociedade* foi marcado por contradições profundas e por dinâmicas de totalização mais valorizadas do que essa constituição social (a sociedade).

O principal espaço constituidor da sociedade moderna: o urbano

- A experiência da interação, das relações sociais, da convivialidade em ambientes plurais de uma sociedade moderna se realiza fundamentalmente nas cidades, especialmente nas grandes cidades. E é bom não menosprezar a “força da experiência”, título de um grande livro do filósofo Jean-Marc Ferry.
- As cidades, por definição, representam uma “estratégia” para gerir as distâncias (eliminando-as), colocando os habitantes para viver em copresença, “ombro a ombro”. Assim, a diversidade (o outro) está exposta a todos o tempo todo (ao menos potencialmente). E essa situação contribui para “desdemonizar” o outro, a reconhecê-lo. Claro, que tudo isso idealmente. Na vida real, a complexidade produz realidades diversas: cidades com mais ou menos “urbanidade”. Desigualdades, segregações diminuem o potencial interativo das cidades. E principalmente a indiferença com essa substância da cidade que tem como contrapartida a gestão funcional-técnica que passa ao largo das questões da urbanidade. O urbanismo enquanto prática oscila entre a urbanidade e o funcionalismo técnico.

- Bem, a história da urbanização e da dinâmica das cidades brasileiras pertencem inextricavelmente à formação da sociedade moderna brasileira. São realidades que não se separam.
- As cidades brasileiras, a começar por São Paulo que é um modelo paradigmático, se desenvolveram muito marcadas (talvez, melhor dizer “sabotadas”) por posturas herdadas da colonização, da escravidão – uma indiferença das “classes dirigentes” aos espaços públicos, uma sanha gananciosa com o comércio de terras (como ressonância do modelo colonizador predador) que parecem dar razão a Sérgio Buarque e a Caio Prado Jr.
- As cidades brasileiras, embora as capitais sejam mais plurais e produtoras de fato do que há de “modernidade” no Brasil, parecem ter como uma substância patológica que corrói suas entranhas “uma cultura antiurbana” e antissocial. De constituidora de uma sociedade moderna com eventuais lapsos de postura antissociais, com suas configurações de “guetos de ricos”, de “apartheid para os pobres”.

O outro espaço de sociabilidade: o mundo digital

- Numa sociedade moderna os espaços urbanos como os principais ambientes de sociabilidade ganharam um concorrente perturbador. Perturbador, pois não é um espaço complementar de sociabilidade, ou secundário. Trata-se de um outro espaço relacional, cuja inscrição material dá substância distinta às relações, com consequências sociais (na associação, no vínculo) a serem ainda compreendidas. Trata-se do ESPAÇO DIGITAL, o que tem tantos outros nomes já dados e novos que ainda surgirão (cyberespaço, por exemplo).
- A inscrição material, a materialidade das nossas relações sociais é relevante. A cidade é uma materialidade na qual nossas relações sociais se inscrevem; o meio digital (o espaço digital, ou o outro

“espaço comunicativo”) é outra materialidade onde se inscrevem nossas relações. Essa materialidade não é um meio neutro, pois ela participa do conteúdo, da essência, ela modula as relações. “O meio é a mensagem”, uma epifania que se popularizou de Marshall McLuhan (Aldeia Global), nunca foi tão presente. Os humanos que inscrevem parte de suas relações sociais no meio digital não são os mesmos que atuam nas relações presenciais em muitos aspectos.

- Não há como entender uma sociedade moderna (o Brasil, inclusive) sendo indiferente a essa nova realidade. E essa empreitada não é fácil, exige um esforço reflexivo em torno do peso da técnica/tecnologia na constituição das sociedades modernas. Esforço esse que sempre foi mais ou menos marginal no âmbito das ciências sociais (algo que vem – e precisa – mudando, é bom que se diga).
- Um marco simbólico seria o movimento, também complexo, das “luzes” europeias (iluminismo) que Voltaire (a figura mais emblemática na França do movimento) caracterizou com uma “revolução dos espíritos”. Uma rebeldia em relação ao pensamento dogmático (uma apologia da razão); à cristandade, pela autonomia do humano, pela liberdade, uma apologia à ciência e o uso da técnica de forma consciente, constante e intensa na produção e melhoria da vida. Isso no século XVIII.
- Tomemos o conceito de TECNOSFERA. Trata-se da dimensão tecnológica que é a materialidade complexa integrada ao mundo social e por meio da qual agimos em diversos planos. O geógrafo Milton Santos (um pioneiro nas discussões sobre a técnica e nossas vidas) considera que vivemos imersos num “meio técnico-científico informacional” e caracterizou que a realidade que essa tecnosfera produz como uma “confusão dos espíritos”.
- No que diz respeito à aplicação da técnica e da ciência na produção da vida (parte do movimento iluminista) seu desdobramento

concreto custará a se instalar. Nos séculos das luzes foi apenas discurso. É na virada do século XIX para o século XX que mudanças importantes acontecerão e a produção de uma tecnosfera potente se anunciará.

- Nas ciências sociais essa transformação aparecerá, por exemplo, nas elaborações de Max Weber. Ele vai se referir que no século XX se instalará um desencantamento do mundo, uma racionalização do mundo. Essa racionalidade científica e tecnológica passará a ser notória na produção econômica e na administração, se implantará nas cidades, nas políticas de saúde e até na vida social.
- Em meio à “barbárie social” (nesse campo, a “irracionalidade” prevalece com a guerras mundiais) há uma mudança mais ampla ainda no papel da ciência que agora se associa integralmente à produção e por vezes a precede. A pesquisa científica é instrumentalizada para se obter tecnologia (aí a palavra tecnologia faz sentido mesmo – Ciência + técnica).
- A racionalidade chegou ao espaço também, mais recentemente (espaços inteligentes, depósitos de conhecimento, meio técnico-científico, Milton Santos) e o século XX, será uma demonstração disso – as infraestruturas ligadas aos transportes e às comunicações, ao aumento das velocidades vão dar o tom e com isso alterar de forma substancial os espaços de nossas vidas. Para alguns o espaço será suprimido pelas velocidades, e atualmente, pela instantaneidade dos meios digitais.
- O que será das sociedades contemporâneas permeadas por tecnosferas potentes e mutantes? De mutações cada vez mais aceleradas? Essas tecnosferas implicam também na mutação de diversas dimensões da vida social e se associam às transformações nos planos da vida social, em desenvolvimento nas sociedades modernas (lutas pela emancipação dos desumanizados, por exemplo).

- Impulsionadas pela aceleração das mutações na tecnosfera as sociedades modernas vão fazer jus à própria raiz de sua denominação que está ligada à moda, a roda, ao mutante, aquela sociedade que se move tendo a mudança, um futuro novo (não uma mera repetição do presente) como referência.
- No entanto, no plano social essa mutação inerente, substancial à lógica social, será uma fonte de angústia, porque como diria o Marx, no Manifesto Comunista, *tudo que é sólido desmancha no ar*, o tempo todo. Viver numa sociedade moderna é viver numa sociedade instável. O conservadorismo é uma militância angustiante contra a mudança, pela estabilidade e os interesses ligados a ele.
- E, como essa perturbação provocada pela mutação de tudo, a instabilidade e a angústia temerosa das transformações na tecnosfera será avaliada, por exemplo, no campo filosófico?
- E o que significa para as sociedades modernas uma vida permeada pelas tecnologias modernas? Ao mito da neutralidade, tipo: depende de como as usamos... Talvez seja melhor se perguntar se essas tecnologias realizam a “natureza” do homem ou dominam-no?
- Essa última questão resume as duas posições dominantes no debate sobre o papel das tecnologias logo após a apologética iluminista. Elas podem ser denominadas como PROMETEICA e FÁUSTICA (MARTINS, 1996).
- No pós-iluminismo a esperança com os benefícios dos avanços das ciências e das técnicas se associará à perspectivas utópicas, como a célebre visão de Saint-Simon para quem esses avanços substituirão a administração das pessoas pela administração das coisas. Alguns utópicos chegaram a pensar no fim da história, no fim da política com um futuro tecnologizado com tudo resolvido pelas técnicas. E isso se casou bastante, inclusive com a “utopia” socialista, que vislumbrava também o fim da política, quando não

houvesse mais as contradições de classe, e exploração dos humanos por outros humanos.

- Essa é a VISÃO PROMETEICA que adquirirá vários formatos inserindo-se em visões teóricas sobre a evolução da humanidade que associavam essa evolução ao desenvolvimento do mundo das técnicas. Esse entendimento ainda domina boa parte das posturas na reflexão sobre as relações entre tecnologia e sociedade.
- O PROMETEICO: O filósofo Ernest Bloch atribui a Francis Bacon papel importante no uso da figura de Prometeu enquanto mito nas discussões da técnica no mundo moderno nascente. Ele é o primeiro a falar de Prometeu como um rebelde técnico audacioso a ponto de imiscuir nos assuntos do mestre; ou melhor, de refazer a obra do mestre com mais competência e genialidade, atividade que alimenta seu orgulho. Os homens formados por Prometeu são superiores às criações de Zeus. Bacon, portanto, utiliza-se, para situar a técnica, da alegoria ou do arquétipo de Prometeu. "Prometeu", escreve ele "é o espírito inventivo dos homens que funda o reino humano, que multiplica ao infinito a potência humana e a dirige contra os deuses". Ninguém porá em dúvida a força e a consciência evolucionária dessa frase. (BLOCH *apud* GAMA, 1986, p. 2)
- Segundo Hermínio Martins, grande sociólogo moçambicano, esse espírito inventivo dos homens que funda o reino humano é o ser humano corporizado, estendendo seus braços e sua potência sobre a natureza, sobre as coisas de um modo geral e sobre os próprios homens. Essa é a interpretação prometeica das técnicas e por extensão da tecnologia. Para essa visão as técnicas projetam e reproduzem o próprio corpo humano. Os sentidos humanos da vista e do ouvido estariam, por exemplo, fornecendo os modelos para instrumentos acústicos e óticos. Numa certa época até cabos de telégrafos eram colocados em correspondência com o organismo humano. Seriam esses cabos comparados aos sistemas nervoso e

sanguíneo do corpo humano. Assim se constata a superioridade do humano orgânico sobre o mecânico; o primeiro como o modelo perfeito que o segundo imita sobre o comando humano (MARTINS, 1996, p.168-169). Esse é o SOMATISMO TECNOLÓGICO.

- Um autor célebre contemporâneo que desenvolve suas reflexões nessa direção um dos mais conhecidos é Georges Simondon. É também essa visão prometeica que funciona como uma substância das áreas do saber tecnológicas, do pensamento do engenheiro, da obsessão pela inovação, como horizonte para soluções de problemas complexos presentes na vida urbana (cidades inteligentes), algo contemporâneo que substitui – ou soma-se, ao planejamento urbano e seus arremedos quando o são “dessocializados”.
- O FÁUSTICO: há quem considere que a postura prometeica não interpreta corretamente os eventos da tecnologia moderna. Identificam, mesmo, uma outra com consequências opostas à emancipação prometeica. Quando a biotecnologia melhora o orgânico a partir de uma outra lógica, não estaria invertendo o mito de Prometeu? Afinal o humano pode muito ou tem que ser transformado?
- Na lenda, assim como no texto de Goethe, Fausto é um homem sábio e de sucesso que pretende aprender e experienciar o máximo que puder. No entanto, ele se encontra sempre **frustrado com as limitações humanas** e procura também respostas no universo mágico, alquímico. E aí ele terá um encontro com Mefistófoles.
- GNOTICISMO TECNOLÓGICO, FAÚSTICO: que significa o casamento das realizações, projeções e aspirações tecnológicas com os sonhos caracteristicamente gnósticos de se transcender radicalmente a condição humana? Essa visão vai além de querer melhorar e habilitar os seres humanos a triunfarem sobre forças hostis. Na biotecnologia reinam exemplarmente as pretensões do

gnosticismo: a clonagem visando a criação de seres aperfeiçoados e distantes da natureza é a maior das comprovações desse novo percurso; o eugenismo, nalguma medida, também o é! O quanto da retórica sobre a supressão do espaço e do tempo não reflete as pretensões do gnosticismo? Estaria o ser humano arriscando-se numa fronteira perigosa ignorando seus próprios limites? E para isso não teria que pagar um preço muito elevado? Se for possível produzir um outro que é mais que a projeção da corporalidade humana pode-se chegar a algo que seja rebelde, que pode vir a comandar o destino humano. Por exemplo, a INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL É UMA AMPLIAÇÃO DA MENTE HUMANA, OU UMA ALTERNATIVA À LIMITAÇÃO HUMANA? Transgênicos, por exemplo. Não estaríamos vendendo nossas almas ao demônio, tal como no mito do Fausto?

- Essa é uma situação de GNOTICISMO TECNOLÓGICO [...] ultrapassar os parâmetros básicos da condição humana – a sua finitude, contingência, mortalidade, corporalidade, animalidade, limitação existencial – aparece como móbil e até como uma das limitações da tecnociência contemporânea [...] (MARTINS, 1996, p. 172)
- Um dos principais filósofos do século XX (Heidegger) vai empreender uma crítica poderosa à dinâmica da modernidade, pois nessa a subjetividade expandiu-se tanto, que o universo da técnica é a sua consequência inevitável. Ele denomina o mundo contemporâneo como MUNDO DA TÉCNICA, mundo esse que se caracterizaria pela contradição entre sujeito e a razão técnica (uma razão objetivada). O desenvolvimento do sujeito engendraria a técnica contra ele.
- A visão crítica no campo da economia política mostra sua postura fáustica denunciando um desvio do interesse da inovação tecnológica, não para beneficiar o humano mas vinculada a

interesses do lucro, da dominação... uso bélico... destruição ambiental.

- Autores de relevo: Heidegger (vontade de vontade); Jacques Ellul (tirania tecnológica sobre a humanidade); Abraham Moles.
- A CRÍTICA FÁUSTICA E AS DISTOPIAS: Não faltam nas ficções situações do ser humano sob o domínio da técnica que ele criou. E estas ficções não se afastam daquilo que a crítica heideggeriana da modernidade anuncia. Essa é a visão fáustica da técnica dominadora que foge ao controle humano. O próprio Milton Santos ao referir-se à dominação de uma técnica exógena sobre os países pobres fala numa “totalidade do diabo”.
- Das tantas distopias, muitas chegaram ao cinema e a mais célebre delas é 2001- Uma Odisséia no espaço; Blade Runner: O caçador de Andróides do Philip K. Dick, Matrix, O Exterminador do Futuro, Wall-E, Fullmetall Alchemist e uma infindável lista mais ou menos célebre. Na literatura isso se multiplica muito mais e mais célebre das distopias é Admirável Mundo Novo de Aldous Huxley, chegando à literatura brasileira também, como no Não verás país nenhum de Ignácio de Loyola Brandão.

Avaliações sobre o mundo digital

- Há uma euforia prometeica sobre o desenvolvimento dessa tecnologia e suas múltiplas aplicações, sendo que a maioria delas se descobre no uso e muitas outras há por surgir.
- Essa euforia está difusa na sociedade, mas seus centros de cultivo são os laboratórios dos grandes empreendimentos econômicos (que inclui o “mercado bélico”). Esse ímpeto prometeico se vincula às ideias de inovação, de eficiência, de ampliação de produtividade, da ampliação da vida humana, da solução de problemas sociais diversos... mas, tudo em geral bem dessociabilizado.

- A crítica fáustica ao mundo digital, por sua vez, virou ela mesma um ramo lucrativo do mercado editorial. A lista de obras é infindável e não cessa de crescer. Eis alguns exemplos:

1. O mundo que não pensa– perigo da extinção do homo sapiens – Franklin Foer
2. A nova idade das trevas – James Bridle
3. Gadget: você não é um aplicativo - Jaron Lanier
4. Dez Argumentos para você deletar agora suas redes sociais – Jaron Lanier
5. A geração superficial – o que a internet está fazendo com nossos cérebros – Nicholas Carr
6. Big Tech – Evgeny Morosov
7. Infografia: a digitalização e a crise da democracia – Byung-Chul Han
8. No enxame – perspectivas do digital – Byung-Chul Han
9. Liberdade e Resistência na Economia da Atenção: como evitar que as tecnologias digitais nos distraiam dos nossos verdadeiros propósitos - James Williams
10. Smart: o que Você Não Sabe Sobre a Internet – Frédéric Martel
11. A Máquina do Caos: como as redes sociais reprogramaram nossa mente e nosso mundo – Max Fisher

- A partir do digital (verdadeira revolução em nossa tecnosfera) vão se multiplicar visões prometeicas e visões fáusticas. Do lado da academia e dos escritores a visão fáustica prevalece.
- Há uma certa sedução em abraçar de cara a visão fáustica; a verdade é que o fenômeno se reveste de uma complexidade gigante...
- A visão fáustica sobre o digital é exacerbado pelas situações de crise política nas sociedades contemporâneas, nas quais o digital é um ator, responsável pela criação de um novo espaço relacional, de

produção de novas sociabilidades. E as crises políticas parecem urdidas nessa “arena relacional”.

- Críticas bem concretas se manifestam no mundo material, no mundo da produção e no mercado de trabalho. A crise do desemprego (intencional, segundo Miguel Nicolelis) parece mais grave do que as anteriores, em outros ciclos tecnológicos, em razão da maior aceleração das mudanças tecnológicas.
- O teor fáustico se imiscuindo na dinâmica geral/social: Michel Callon e Bruno Latour reivindicam uma certa indistinção entre o humano e não-humano, são radicais nesse aspecto; esses autores chegam a ideia de quase objetos, de híbridos que se multiplicam. Apregoam uma simetria e um reequilíbrio entre atores sociais e objetos e colocam em destaque o caráter ativo dos objetos, operadores entre outros. Esse papel operador pode ir a ponto de modificar o estado e a dinâmica de um sistema de ações, com máquinas com vontade própria.
- A velocidade nos transportes e também nas comunicações tenderia a suprimir o espaço, criando um quadro de redes mundiais sem hipótese de sociabilidade democrática e razoável, eliminando a cultura, ampliando a dominação (Paul Virilio); a aceleração de tudo estaria implicado em quadros incontrolláveis de dominação (Hartmut Rosa) ... a velocidade nos transportes, a aceleração nos processos produtivos etc e tal, colocaram em risco o planeta, a vida ... é a crise ambiental. E o digital está implicado em tudo isso. Enfim, vendemos a “alma ao diabo”, crítica fáustica por excelência.
- No que diz respeito à sociabilidade nas redes sociais e suas consequências é bom notar que o “eu” nas redes sociais realiza o ideal do gnosticismo tecnológico, que é a superação do orgânico já que esses “eus” estão sem seus corpos (desencarnados) e integrados a dispositivos tecnológicos que os protegem e os alimentam numa quase superação do orgânico. Esses “novos eus”

operam numa frequência e numa esfera de competência, que os mesmos eus encarnados não conseguiriam.

- Nas relações sociais as mediações são do meio, não havendo claramente acordos, regras e temores. Não havendo acertos políticos sobre a limitação necessária das tertúlias políticas. O modo como as relações sociais desenvolvem-se no meio digital (como eus não orgânicos) se migrassem para a esfera presencial descambariam em guerra civil. Os eus desencarnados do outro espaço relacional vivem o paradoxo de serem pouco razoáveis e racionais, isso num espaço construído pela máxima cientificidade humana.